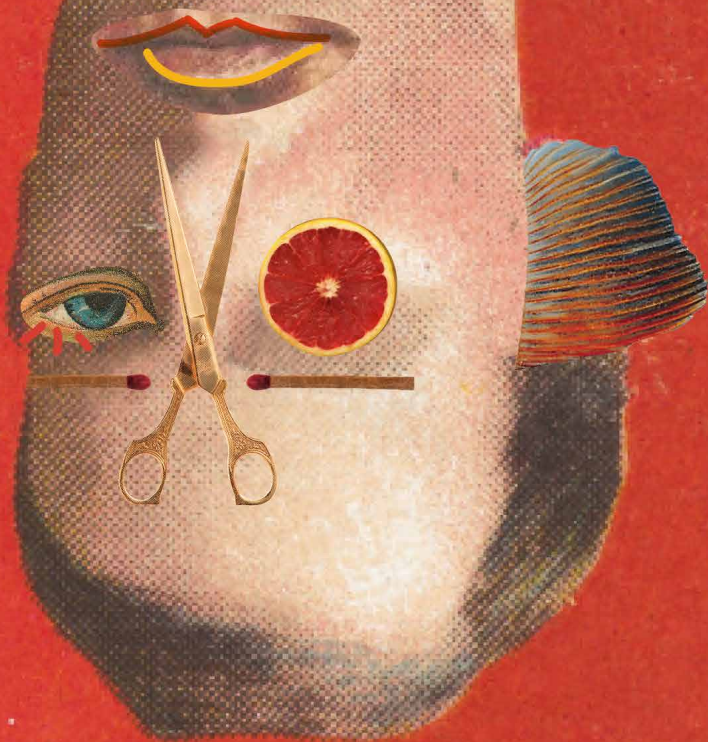


reginaldo pujol filho



**NÃO,
NÃO É
BEM ISSO**



**NÃO,
NÃO É
BEM ISSO**

reginaldo pujol filho

2ª EDIÇÃO

Porto Alegre



São Paulo • 2023

*(...) é aquilo que estamos sempre desejando
para as palavras, escrevendo,
para logo depois saber que não,
não é bem isso.*

[Sérgio Sant'Anna, *Cenários*]

- 9** Ideias que podem aparecer na cabeça de um
sujeito sentado em uma cadeira
- 21** Essa sobra de mim
- 25** Krov u rot
- 31** Helicóptero, elefantes, Emília, John, ou
Paul, ou George, Ringo não
- 41** No céu nunca chove
- 53** Experiência nº12
- 67** Síndrome de Amnésia Induzida (SAI)
- 73** Uma frase para a posteridade
- 79** O que não saberemos
- 93** Ato único
- 109** Jorge, Enrique, seus personagens
- 121** O que é barco, o que é casa, o que é mundo

**Ideias que podem
aparecer na cabeça
de um sujeito sentado
em uma cadeira**

Ei, tu aí sentado nessa cadeirinha na calçada, essa cadeirinha que parece que vai arriar, ela não vai te aguentar, tu não vai aguentar ficar sentado nela até o quê, meia-noite, uma da manhã, até que horas, tem hora pra acabar? Se a cadeira não arrebentar, arrebentam as tuas costas de ficar aí sentado até as, vem cá, que horas são agora, já deve ter passado das nove, são nove e meia, tu vê no relógio, são nove e meia da noite e ainda tem gente chegando nesse coquetel festinha recepção, o pessoal bonito, coisa de novela, do núcleo rico, casacos de pele, ternos de lã, roupas finas mas grossas, porque deu essa esfriada de repente. Quando tu saiu de casa, com sol

ainda, antes de pegar o primeiro ônibus, ninguém dizia que ia dar essa esfriada, e agora tu aí, só com essa jaqueta vagabunda da firma de vigilância, uniforme pros vagabundos verem que tem alguém botando respeito na área e não mexerem nos carros, nem com essa senhora sardenta e perfumada que entrou pelo portão e nem te viu, quer dizer: ver, viu, né, assim como viu o portão, viu a porta da casa e deve estar vendo uma bandeja cheia de taças, te viu como artefato do ambiente festivo, mas tu não vê a taça, não vê a hora de pegar um cafezinho na térmica, não, não, café ainda não, como saber se a senhora aquela que vê mas não vê era ou não era a última convidada a chegar, melhor esperar mais uns minutinhos, deus o livre passar um doutor, uma dona e ver e não te ver aí e comentar lá dentro da casa que dá um pouco de medo, com essa insegurança toda, chegar assim numa festa sem nenhuma segurança na porta, e aí a conversa se espalha: o maior buchicho: que a festa não tem nem segurança nem porteiro, e o dono da festa fica puto, puto da cara, com toda razão, dirão os convidados, porque ele tá pagando por hora praquele negão, no caso tu, ficar de vigia e onde é que tá o negão, vou falar com o dono da empresa e esse negão não vai receber, ele diz, isso é um absurdo, ele toma um gole de champanhe, isso é falta de caráter desse pessoal, ele come uma torradinha com gruyère e chutney de damasco, vou ferrar com esse crioulo pra ele aprender a

dar valor às coisas, ele tira os farelos da lapela, mas isso, graças a deus, é só uma hipótese, porque tu tá aí, né, firmão no serviço, aliás, tu aí, esfregando as mãos, assoprando um bafo nas mãos, vem cá, camarada, me diz uma coisa, tu, que acaba de levantar e finalmente dá uma caminhadinha — e bota inha nisso — dois, três passos pra lá, cruzando a frente do portão, dois, três passos de volta, já pode caminhar, mas não pode ir longe, não pode ir, é caminhar ficando, caminhar zelando, caminhar vigiando a sexta-feira à noite do pessoal lá dentro que merece um descanso, a semana foi pesada, uma pauleira, e uma bebidinha, uma conversa, encontrar gente interessante, simpática, bonita, de bem e dar umas risadas e esquecer a semana que passou é tudo o que eles precisam na sexta à noite, mas então, tu, agora que já bateu o pé na calçada pra circular o sangue e não ficar com os dedos dormentes de frio, agora que deu essa marchadinha, agora que não chega mais ninguém pra entrar por esse portão aberto e seguir por aquela trilha de basaltos rusticamente encravados na grama que conduz até lá a porta da casa onde uma loirona de vestido preto segura uma lista com uma das mãos enquanto mastiga as cutículas da outra, de onde até vem um sonzinho, deve ser música, mas é conversas também, é o tal do burburinho, pois bem, tomando esse cafezinho, ou sentado na cadeira, ou caminhando pra lá e pra cá, com tanto tempo morto, me diz só uma coisa: tu nunca pensou?

Hein?

Diz pra mim, tu nunca pensou?

Me diz a verdade, tu nunca pensou, em, vamos dizer assim, não sei se tu tá com um cassetete aí, ou com uma arma na cintura, mas vamos pensar: a situação da segurança anda terrível nesse país, então tu tá, sim, com uma arma pra poder proteger bem protegido o patrimônio que o pessoal lá conquistou merecidamente, e aí tu faz as contas do pedacinho – pedacinho pra eles, pedaço pra ti – desse patrimônio que tá, nesse momento, reunido e desavisado a uns vinte passos da tua cadeirinha em fim de carreira, e tu lembra, não por rancor, mas se for rancor também qual é o problema, tu lembra que esse pessoal lá dentro, quando cruza na rua contigo, não esconde que tem medo, atravessa a rua se puder, fecha o vidro quando tu corre pra pegar o ônibus, sua frio porque o portão da garagem não abre enquanto tu te aproxima pela calçada, indo entregar teu CV pro zelador de algum prédio bacana, será que algum deles tomaria um tiro pra proteger de um assalto a tua casinha ainda no reboco?

Pois é, durante um gole de café como esse que tu toma agora, nunca te veio nada assim na cabeça? Tu nunca pensou em dar uma espiada ao teu redor e aí tu confere que ninguém tá olhando, nem lá na esquina, nem na outra, tu olha bem e nada, nada, ninguém, só carrão, uma fila de carrão, daí tu tira essa jaqueta vagabunda e deixa ela sobre a cadeira tam-

bém vagabunda e, olhando mais uma vez pra trás, segue o mesmo caminho que aquela última senhora dourada no pescoço, no pulso, nos dedos e na pele alaranjada e sardenta tinha seguido, conduzida pela charmosa trilha de pedras que corre no meio do gramado, cercada de holofotes estrategicamente dispostos na altura dos sapatos entre os arbustinhos que margeiam o caminho e, feito a dona aquela, então tu te aproxima da porta da casa, ali onde tá a loirona de vestido preto, mas, diferente da senhora aquela, tu não tem nome na lista, e por isso a loirona larga as cutículas e olha pra ti, mas vira o rosto, mas olha de novo, agora ela repara bem em ti e a cara dela diz que alguma coisa não tá fazendo sentido, quem é esse negão sem terno, sem blazer, só de camiseta e calça jeans, sem encomenda pra entregar, sem terno de garçom, quem é esse negão, e aí tu responde pra ela mostrando a arma e dizendo entra, fica quieta que vai ficar tudo bem, e ela se atrapalha e não sabe se vai ou vem, mas tu ensina que vai: pega ela pelo braço, vocês entram, tu manda ela se misturar com toda a gente que está ali bebericando e comendo uma coisinha e botando os assuntos em dia e então tu dá um grito que nunca tinha dado na vida, atenção seus pau-no-cu, todo mundo pro canto da sala senão eu passo fogo, e é claro que tem gritaria e até um choro quase instantâneo, mas tu diz que quem gritar vai ser o primeiro a levar bala e manda todo mundo se amontoar no canto da sala e

avisa que é pras madames e os doutores começarem a jogar agora os telefones pro meio da peça, não quero ver ninguém ligando nem mandando mensagem nem o cacete, é pra jogar telefone, bolsa, relógio, dinheiro, chave do carro, é pra jogar tudo ali na tua frente, onde vai se formando dez, vinte anos, quem sabe mais, será que chega a trinta anos de trabalho teu? Cada telefone dá um mês, alguns mais, as carteiras — sem somar o conteúdo — valem mais do que tu tem na tua, os relógios e as joias, e eu não sei se tu tem filhos, família, uma esposa, quem sabe uma esposa e uma ex, mas também isso não importa, mesmo que não tivesse família, mesmo que fosse o cara mais sozinho do mundo, nascido não de uma mãe mas de um canto escuro do mundo, tu tem os trinta dias do mês e tem os carnês e tem a incerteza de se amanhã vai ter serviço e tem a fome e tem a luz e tem o aluguel e tem a vontade de ter liberdade de ir e vir pra além do trabalho e da casa sem esgotar decente, com aquela goteira filha da puta que não dá tempo nem dinheiro de consertar, quer dizer, com família ou sem família, com melodrama ou sem melodrama, tu chama a loirona que tava na porta e que agora diz pra ti, pelo amor de deus eu não fiz nada, e te dá uma raiva, uma puta duma raiva, por que é que ela pensa que tu vai fazer algo de ruim pra ela, e tu não tem tempo pra explicar e, vamos combinar, não é de agora que tu não tem tempo, mas tu também não tem tempo pra estar pensando nessas coi-

sas, teu tempo agora é pra apontar o revólver pra lá e pra cá que é pro pessoal seguir pianinho sem fazer merda que vai ser pior pra todo mundo, eu não quero machucar ninguém, teu tempo agora é de tirar do bolso um saco de supermercado e botar na mão da loirona e pedir ou mandar ela ir metendo tudo o que tá no chão dentro da sacola, viu, guria, não era pra te fazer mal, eu só não tenho como juntar esses trechos e ao mesmo tempo apontar a arma pra esse monte de gente louca pra me foder se eu der bobeira, sim, tu tem vontade de dizer isso pra ela ou algo por aí, mas não dá, não é hora de conversa, é hora de dar jeito nisso, tu olha pros lados, seca umas gotas de suor entre o lábio superior e o nariz, esse frio e tu suando, aponta de novo a arma pro pessoal todo arrumado, pras peruas roendo as unhas que parecem de vinil, com aquelas caras que te lembram dos trabalhos de pedreiro, meteram uma desempenadeira e cal na fuça delas todas, e pros caras e suas caras bochechudas, os que não são carecas parecem usar peruca, não fossem os lábios tremendo como treme a tua mão apontando a arma, iam parecer um bando de manequim de loja do shopping, e é tanto olho azul, tanto olho verde, olho escuro também, mas é tanto olho vermelho que tu não sabe se é de bebida, pó, fumo ou cagaço mesmo, tanto olho que nunca olhou tanto tempo pra ti, e aí a loirona te alcança a sacola esturricada de patrimônio conquistado com muito suor e herança, e aí é muito simples: não pre-

cisa ter lido muito na vida, não precisa ter ido além da oitava série, se foi até lá que tu foi, mas não precisa ter estudado muito, agora é que nem nos filmes, mesmo os que passam na tevê aberta, porque cortaram teu gato e tu não teve grana pra pagar o cara da tevê a cabo que te religava ele por um cafezinho e uma coca-cola pras crianças, mas, sim, agora é que nem nos filmes: tu pergunta quem é o dono da casa, e um sujeito cheio de por favor, cheio de não machuca ninguém, vem se esgueirando, tirando a franja da testa, espalmando as duas mãos pra frente como se te empurrasse sem te tocar, tu vê a marca larga e branca que ficou no lugar onde devia estar a aliançona de ouro que agora está na sacola que a loirona te entregou e o sujeito fica um passo à frente do resto e calma, estamos entre amigos, ele diz, e a tua vontade é de rir, como se tu também estivesse entre amigos, imagina estar entre amigos numa casa dessas, só se fosse na cozinha, com os empregados, mas tu corta o cara com um cala boca, alemão, chega de papo, porque tu quer saber logo se a casa tem despensa, porão, um lugar com chave, e tem e é na cozinha, passando a cozinha, então todo mundo pra lá, em silêncio, entrando nessa despensa aí, e o pessoal vai entrando em fila e uma mulher, a primeira que entrou, grita lá de dentro que vai sufocar, que é muito apertado, muito apertado, tu pode acreditar nisso? Será que te vem o ônibus à cabeça? Ou o posto de saúde no inverno? Ou a casa onde tu cresceu?